

## INTRODUÇÃO

Plutarco nasceu provavelmente no ano 46 da nossa era, na cidade grega de Queroneia, na Beócia. Proveniente de uma família abastada, pôde desfrutar de uma educação de elevada qualidade na Academia platônica de Atenas. Essa mesma riqueza permitiu-lhe também viajar bastante pelo Império Romano, em representação de interesses da sua cidade.

Seria bem relacionado com alguns elementos da elite romana e terá sido graças a um desses seus amigos, L. Méstrio Floro, cônsul durante o principado do Imperador Vespasiano, que Plutarco terá obtido a cidadania romana.

A maioria dos seus trabalhos data da fase final da sua vida, nos anos que se seguem à morte do imperador Domiciano, ocorrida no ano 96. Plutarco terá morrido entre 119 e 125.

Plutarco deixou-nos muitos escritos, sob a forma de curtos ensaios, sobre temas tão diversos como filosofia, ética, educação, política, religião, psicologia, ciências naturais, literatura, retórica e biografias. Sertório e Eumenes é um dos pares de biografias que escreveu e pertence a uma série que se conhece por *Vidas Paralelas*.

As *Vidas Paralelas* consistem numa biografia de um sujeito grego, que o autor compara a um romano. A maioria destes pares contém um breve prólogo na primeira biografia, onde o autor tende a dar ênfase ao que ambos

têm em comum e termina com uma comparação entre os dois sujeitos, que tende a manifestar as diferenças entre os dois biografados.

As razões que Plutarco aponta para juntar quaisquer dois sujeitos são as mais variadas e por vezes, de facto, bastante forçadas, tendo os sujeitos biografados pouco em comum. No caso de Nícias/Crasso, por exemplo, os sujeitos mais não têm em comum senão o facto de terem sido ricos e de terem sofrido uma grande derrota militar no final das suas vidas. Em tudo o resto eles apresentam diferenças consideráveis.

Conhecem-se vinte e três pares de *Vidas Paralelas*, aos que se acrescentam quatro outras *Vidas* que não têm par correspondente. Konrad<sup>3</sup>, no seu estudo crítico sobre o Sertório de Plutarco, sugere que o par Sertório/Eumenes terá sido dos últimos a ser composto e que pertenceria a uma unidade (onde se incluíam também Coriolano/Alcibíades e Ágis e Cleómenes/os Gracos) na qual os sujeitos biografados entram em conflito com as forças políticas dominantes.

As biografias de Sertório e de Eumenes distinguem-se também por se encontrarem entre as mais curtas de todas as *Vidas Paralelas*.

---

<sup>3</sup> C.F. Konrad, *Plutarch's Sertorius: A Historical Commentary* (Chappel Hill, 1994), pp.xxvii-xxix.

## INTRODUÇÃO

As razões para juntar Quinto Sertório e Eumenes de Cárdia são dadas pelo próprio autor na introdução a Sertório (1.6):

“Ambos nasceram para liderar e eram dotados de grande talento para a guerra e de habilidade para frustrar os seus inimigos; ambos estavam exilados dos seus países, comandavam soldados estrangeiros e, nas suas mortes, sofreram uma Fortuna que lhes foi dura e injusta, pois ambos foram vítimas de conspirações e foram mortos por aqueles com quem tinham vencido os seus inimigos.”

Ao contrário do que acontece na grande maioria das *Vidas Paralelas*, neste caso é o romano, Sertório, que tem precedência sobre o grego, Eumenes. Tal é um dos argumentos usados para sustentar que, ao abordar este par, Plutarco estava muito mais atraído por Sertório do que por Eumenes.

Em ambos os retratos é possível, com a ajuda de outras fontes da época, obter mais conhecimento sobre os biografados. A partir delas é possível concluir que Plutarco minimiza ou oculta muitas das falhas de Sertório. Por outro lado, na biografia de Eumenes existem inúmeras lacunas; o autor não tenta lidar com toda as fases da car-

reira do general grego e, segundo Bosworth<sup>4</sup>, a biografia de Eumenes é modificada para oferecer paralelos ou antíteses à de Sertório.

Que tal aconteça não deverá ser estranho, pois as *Vidas Paralelas* não foram escritas por Plutarco como se fossem história. Ele próprio o diz, na *Vida* de Alexandre (1.2): “Pois não estou a escrever História, mas sim Vidas”.

Ou seja, muitos dos retratos são talhados pelo autor conforme a mensagem que com eles pretende ilustrar. Plutarco busca nas suas *Vidas Paralelas* o carácter, a influência da educação, o drama dos sucessos e dos insucessos das suas personagens, a atitude dos seus sujeitos face a tais destinos e os respetivos ensinamentos morais que daí se podem tirar - não o rigor buscado por outros autores clássicos como Tucídides ou Políbio.

Tal não significa, no entanto, que Plutarco apenas deva ser lido pelos magníficos dramas que apresenta: é também útil ao historiador, embora deva ser abordado com as devidas cautelas. É muitas vezes apenas em Plutarco que podemos encontrar determinados pormenores sobre a vida dos personagens que aborda.

---

<sup>4</sup> A. B. Bosworth, “History and artifice in Plutarch’s Eumenes”, in Philip Stadter (Ed.), *Plutarch and the Historical Tradition* (New York, 1992), pp. 56-59.

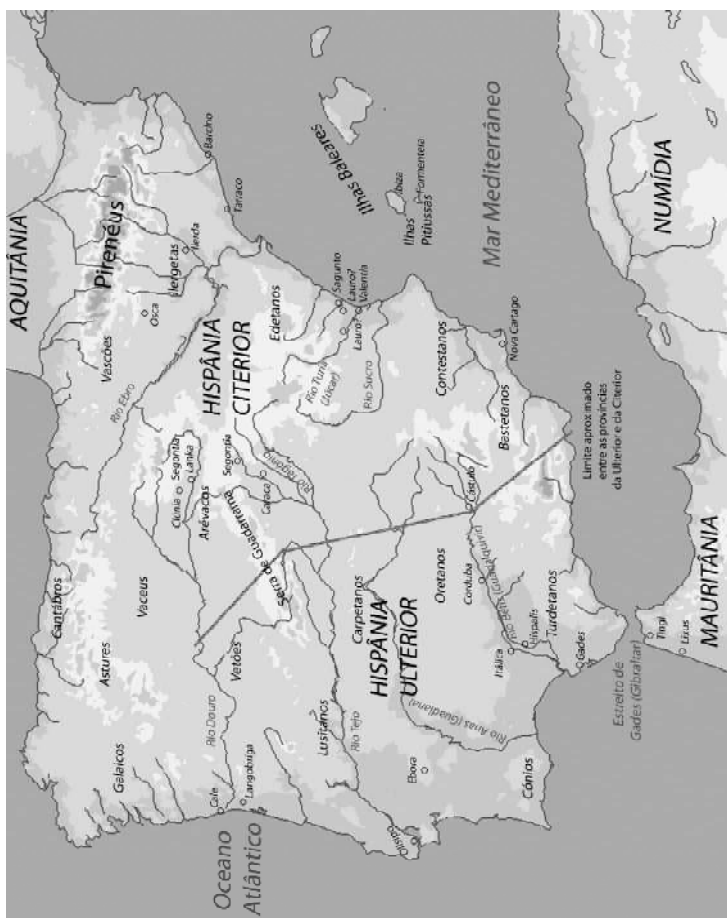
## INTRODUÇÃO

Nesta edição, ao contrário do que fez anteriormente Gabriel Pereira, juntámos a Sertório também a tradução de Eumenes e a comparação entre os dois, pois as *Vidas Paralelas* foram escritas por Plutarco para serem lidas em conjunto, não separadamente. O período dos Diádocos, ou sucessores de Alexandre Magno, do qual Eumenes de Cárdia faz parte, é um dos mais fascinantes da antiguidade, e espera-se que este contributo ajude a lançar alguma luz sobre os eventos desses anos. É um período no qual personagens que parecem maiores do que a própria vida – Antígono, Ptolemeu, Crátero, Pérdicas, Demétrio Poliorcetes, Seleuco, Lísímaco, etc. – lutam uns com os outros pela herança de Alexandre, um pouco por toda a Grécia e Médio Oriente, durante anos sem fim, vários morrendo violentamente para lá dos oitenta anos, nunca tendo por limite a sua falta de ambição.

A presente tradução foi realizada principalmente a partir da versão inglesa da edição bilingue da *Loeb Classical Library*, elaborada por Bernadotte Perrin. Posteriormente toda a obra foi revista à luz do já citado estudo crítico do Sertório de Plutarco elaborado por C.F. Konrad e de bibliografia complementar. De facto, a dívida desta obra ao estudo de Konrad é elevada: inúmeras correções ou tomadas de posição relativamente à tradução

originalmente feita foram adotadas mediante os comentários daquele autor, assim como muito do material presente na elaboração das notas se lhe pode reportar.

No que respeita à tradução de Eumenes, não nos sendo possível beneficiar da ajuda de uma edição crítica, recorreremos a outra bibliografia e a outras fontes sobre o mesmo período, como Arriano e, principalmente, Diodoro Sículo, para preencher as várias lacunas e para as notas de rodapé que existem nesta biografia.



Mapa 1: A Península Ibérica na época de Sertório.

alto por causa da tempestade e de ancorar em terra por causa do inimigo, debateu-se durante dez dias numa luta desesperada contra ondas adversas e ventos violentos, conseguindo sobreviver com dificuldade.

(8.1) À medida que o vento amainava, foi levado para um grupo de ilhas dispersas e sem água, onde passou a noite. Em seguida, partindo daí, passando através do estreito de Gades<sup>25</sup>, manteve a costa da Hispânia do lado direito e desembarcou um pouco acima da foz do rio Bétis, que desagua no oceano Atlântico e deu o seu nome às zonas adjacentes da Hispânia<sup>26</sup>.

(8.2) Aqui encontrou uns marinheiros que tinham regressado recentemente das ilhas do Atlântico. Estas são duas, separadas entre si por um pequeno canal; ficam a cerca de dez mil estádios da costa de África e chamam-se Ilhas Afortunadas<sup>27</sup>. Gozam de chuvas moderadas, que chegam apenas em intervalos espaçados e, na maior parte do ano, de brisas suaves que dispersam o orvalho. Também possuem um solo rico e fértil, adequado ao cultivo, e

---

<sup>25</sup> O estreito de Gibraltar.

<sup>26</sup> O rio Bétis é o atual Guadalquivir. À província romana formada pela atual Andaluzia e parte da Extremadura espanhola dava-se o nome de Bética na época de Plutarco, embora não no tempo da República, em que a região ficava incorporada na Hispânia Ulterior.

<sup>27</sup> A opinião divide-se entre se seriam estas duas ilhas parte das Canárias ou a Madeira e Porto Santo. O clima descrito e a distância considerável a que ficam da costa (cerca de 1850 km) parecem sustentar que se tratava do arquipélago da Madeira.



produzem abundantes e nutritivos frutos que crescem por si, sem exigir trabalho duro e árduo.

(8.3) Nas ilhas prevalece um ar saudável, devido ao clima temperado e às suaves mudanças de estação. Pois os ventos de norte e de leste que sopram do nosso lado do mundo mergulham no vazio e, devido à distância, dissipam-se e perdem a força antes de chegar a estas ilhas. Os ventos de sul e de oeste que envolvem as ilhas trazem consigo, por vezes, chuviscos suaves e intermitentes, mas, na maioria das vezes, arrefecem-nas com brisas húmidas e alimentam o solo com cuidado. Como tal surgiu uma crença, enraizada mesmo entre os bárbaros, que aqui se situam os Campos Elísios e a morada dos abençoados que Homero canta na *Odisseia*<sup>28</sup>.

(9.1) Quando Sertório ouviu esta história foi arrebatado por um desejo irresistível de se estabelecer nestas ilhas e aí viver em tranquilidade, a salvo da tirania e das guerras sem fim. Contudo, os cilícios - que não buscavam nem paz nem calma, mas riqueza e despojos - quando se aperceberam do seu desejo navegaram para África, para devolver Ascális, filho de Ipta, ao trono da Mauritânia.

(9.2) Então, Sertório não entrou em desespero e decidiu ir em auxílio dos que lutavam contra Ascális, para que os seus seguidores pudessem obter novas esperanças, lhes

---

<sup>28</sup> Homero, *Odisseia*, 4.563-8

## SERTÓRIO

pudesse oferecer novas aventuras e para que pudessem permanecer juntos apesar das dificuldades.

Os habitantes da Mauritânia ficaram felizes por o verem chegar. Sertório rapidamente entrou em ação, derrotou Ascális numa batalha e cercou-o.

(9.3) Além disso, quando Sila enviou Paciano com um exército para ajudar Ascális, Sertório enfrentou-o, matou-o, alistou depois os seus soldados e forçou a rendição da cidade de Tingi, para onde Ascális e os seus irmãos tinham fugido em busca de refúgio.

Os Líbios afirmam que o gigante Anteu está enterrado nesta cidade<sup>29</sup>. Sertório não acreditou no que os bárbaros lhe diziam acerca da grande dimensão de Anteu e mandou abrir a sua campa. Mas quando descobriu o corpo e, segundo consta, viu que tinha sessenta côvados<sup>30</sup> de comprimento, ficou espantado e, depois de ter efetuado um sacrifício, mandou que voltassem a tapar a campa.

(9.4) O povo de Tingi conta uma lenda segundo a qual, após a morte de Anteu, a sua mulher, Tinga, foi viver com Hércules e que Sófax foi o fruto dessa união. Sófax tornou-se mais tarde rei deste país e deu o nome da sua mãe à cidade. Sófax teve também um filho, Diodoro, de

---

<sup>29</sup> O túmulo de Anteu não estaria situado em Tingi, a atual Tânger, mas em Lixus, a atual Larache, setenta e cinco quilómetros a sudoeste (Plínio, *História Natural*, 5.2-3; Estrabão 17.3.8).

<sup>30</sup> Cerca de vinte e seis metros e sessenta centímetros.

quem muitos dos povos líbios se tornaram súbditos, uma vez que este comandava um exército grego composto por ólbios e micénicos, os quais tinham sido levados para essas partes por Hércules.

(9.5) Porém, esta história poderá ter tido origem numa tentativa de agradar ao rei Juba<sup>31</sup>, pois nenhum outro rei se dedicou tanto a pesquisas históricas como ele. Diz-se, no entanto, que os seus antepassados são descendentes de Sófax e de Diodoro.

Sertório, depois de se ter apoderado de todo o país, tratou com justiça todos os que a ele se submeteram e nele confiaram: devolveu-lhes tanto as suas posses como as suas cidades e a governação das mesmas, recebendo deles como presente apenas o que era justo e correto.

(10.1) Enquanto deliberava sobre que objetivo perseguir em seguida, os Lusitanos enviaram-lhe emissários e convidaram-no para ser o seu líder. Faltava-lhes um comandante de grande reputação e experiência para que pudessem enfrentar o poder de Roma, e quando se inteiraram do carácter de Sertório pelos que com ele tinham servido entregaram-lhe a segurança das suas vidas. (10.2) Pois dizia-se que Sertório não sucumbia facilmente quer ao prazer quer ao medo, que não se deixava afetar perante o perigo e que lidava com a prosperidade com moderação.

---

<sup>31</sup> Juba II (c.50 a.C. – 23/24 d.C.), rei da Mauritânia.